

MYSTERY OF THE WAX MUSEUM / 1933

Máscaras de Cera

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Don Mullaly e Carl Erickson, segundo uma história de Charles S. Belden / **Montagem:** George Amy / **Direcção Artística:** Anton Grot / **Fotografia** (technicolor bicromático): Ray Rennahan / **Figurinos:** Orry-Kelly / **Maquilhagem:** Perc Westmore / **Figuras de cera:** L. E. Otis, assistido por H. Clay Campbell / **Direcção musical:** Leo F. Forbstein / **Intérpretes:** Lionel Atwill (Ivan Igor), Fay Wray (Charlotte Duncan), Glenda Farrell (Florence), Frank McHugh (Jim, o chefe de redacção), Allen Vincent (Ralph Burton), Gavin Gordon (George Winton), Edwin Maxwell (Joe Worth), Holmes Herbert (Dr. Rasmussen), Claude King (Golately), Arthur Edmund Carewe (Sparrow), Thomas Jackson (detective), DeWitt Jennings (capitão da polícia), Monica Bannister (Joan Gale)

Produção: Warner / **Cópia:** DCP, versão original com legendas electrónicas em português / **Duração:** 78 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 16 de Fevereiro de 1933 / **Estreia em Portugal:** Condes, 14 de Março de 1934

Nos Estados Unidos desde 1926, Michael Curtiz (ex-Mihaly Kertesz, de origem húngara) fazia parte do lote de realizadores da Warner desde o começo dos anos 30 e ali permaneceria ao longo de duas décadas até à altura em que as leis anti-trust abalaram o sistema dos estúdios em Hollywood, passando depois a uma carreira independente até à sua morte em 1962. Por altura de **Mystery of the Wax Museum**, Curtiz era já um conceituado director de sucessos em diversos géneros, do policial à comédia passando pela aventura e o filme “social” (**20.000 Years in Sing Sing/20.000 Anos em Sing Sing**, por exemplo, que seguiu a moda dos filmes “de prisão” instituída por **I Am a Fugitive From a Chain Gang/Sou Um Evadido**, de Mervyn LeRoy). A grande oportunidade, porém, o filme que tornará o seu nome popular e garantia segura de bilheteira, vinha dois anos depois com **Captain Blood/O Capitão Blood**, momento incontornável do cinema de aventuras e do “swashbuckler”. Mas Curtiz foi, principalmente, o mais competente e capaz dos profissionais da Warner, só lhe faltando o “toque” pessoal para poder impor-se, hoje, como um “autor” à semelhança de um Raoul Walsh que por aquele estúdio passou também em momentos cruciais.

Mystery of the Wax Museum é o aproveitamento, por parte da Warner, do género de “terror” que a Universal lançara dois anos antes com **Frankenstein** e **Dracula** e que fizera a sua fortuna. Mais fortes economicamente que o estúdio de Carl Laemmle, os irmãos Warner tentaram explorar o género com outras novidades que tornassem os seus filmes mais aliciantes para os espectadores. Uma, de carácter técnico, a outra, a mistura do terror com um género mais característico do estúdio: o filme de “jornalistas”. A imprensa escrita era, então, o mais importante meio de informação e comunicação, e o repórter tornara-se, em muitos filmes, o “herói” por excelência (e também na literatura popular com Fandor atrás de Fantômas na obra de Alain e Souvestre e nos filmes de Feuillade, com Rouletabille, o herói criado por Gaston Leroux, também o autor de “O Fantasma da Ópera”, e, “last but not the least”, o Tintin da banda desenhada de Hergé), por mais afastado que estivesse da realidade (e quanto mais afastado, melhor!), e ligado, principalmente, ao jornalismo de sensação, aquele que hoje se pode chamar de “tablóide”. Capra na Columbia (**Platinum Blonde**) e Mervyn LeRoy na Warner (**Five Star Final**) já tinham dado alguns dos exemplos mais sugestivos, como o era o começo de **Scarface** de Hawks com o chefe de redacção apelando aos grandes cabeçalhos (“War! Gang War!”). **Mystery of the Wax Museum** toma do género a sua manifestação clássica da jornalista intrometida, impertinente, curiosa e aventureira, imagem artificial mas tão do agrado do espectador, dando-lhe a pele de Glenda Farrell. Parte da acção concentra-se também na redacção e praticamente nunca vemos o chefe da dita (Frank McHugh) fora dela, e o

filme terminará mesmo aí, bem à maneira do género, com a proposta de casamento de McHugh a Farrell. Quanto à novidade técnica que referi atrás, não se pode dizer que fosse “novidade”, pois trata-se da utilização do Technicolor bicromático que se explorava, esporadicamente, desde os começos dos anos 20, numa ou noutra longa metragem (**The Black Pirate/O Pirata Negro** de Albert Parker, **Wanderer of the Wasteland/O Viandante do Vale da Sedução** de Irvin Willat) ou em sequências de filmes a preto e branco (**The King of Kings/O Rei dos Reis** de DeMille, **Ben-Hur** de Fred Niblo, etc). Mas no começo da década de 30 o Technicolor tricromático começou, por sua vez, a ser usado (as curtas metragens de Disney “Silly Symphonies”, etc.) e o bicromático a perder o interesse por parte dos produtores. Coube a Michael Curtiz o papel de dirigir aqueles que foram os últimos filmes feitos com o bicromático: **Doctor X/O Monstro** em 1932 e, depois, o que vamos ver. Suspeito que talvez tenha sido exactamente a utilização da cor neste processo que terá prejudicado **Mystery...** que foi, em certa medida, um “flop” (lançado, depois de uma estreia menos feliz, com outro título: **Wax Museum**) que fez com que o filme desaparecesse da circulação e fosse mesmo, durante muito tempo, considerado um dos “lost movies” (só seria descoberto nos anos 70). Tal destino trouxe-lhe a inevitável auréola de “filme maldito”, “obra-prima desaparecida”, e outras expressões bem nossas conhecidas. A redescoberta permitiu verificar que desta vez o mito era mais uma nuvem de fumo, que o ídolo tinha pés de barro, e que injustiça, a haver, terá sido a forma como essa fama atingiu a versão que Andre DeToth fez em 1953, **House of Wax/Máscaras de Cera**, que se revela bem mais interessante que a de Curtiz. É que no caso da versão de DeToth, a cor e a exploração de outra novidade técnica (as 3 Dimensões) estavam pensados e trabalhados em função da história (mesmo os efeitos de “choque” dos planos em relevo), enquanto no filme de Curtiz a cor é pura e simplesmente decorativa, de efeito gratuito. De certo modo poderia ser visto como um exemplo primitivo de “colorização” se tal processo então existisse. Este efeito da “cor” acaba por ser nefasto a um filme que tem, por outro lado, muitas qualidades. Porque se **Mystery of the Wax Museum** procura explorar para a Warner a temática do “terror” da Universal, esquece um dado primordial deste género: a fotografia a preto e branco, a força “expressionista” da luz e sombra, a exploração de ambientes sombrios, as ruas estreitas e chuvosas, uma arquitectura “desequilibrada” com perspectivas desfiguradas, etc. Ora tudo isto está no filme de Curtiz, em maior ou menor grau: a iluminação das ruas ao começo, as sombras enormes que se projectam no interior do museu que lembram, mas apenas lembram!, o trabalho prodigioso que conhecemos de **The Black Cat/Mágia Negra**, que Edgar Ulmer fará para a Universal no ano seguinte. **Mystery of the Wax Museum** parece confirmar uma ideia feita, muito antes de esta se impor, e que é a de que a cor não “serve” para o filme de terror (isto, pelo menos, até algumas décadas atrás). Também no elenco o filme de Curtiz não é muito feliz, apesar de todas as caras conhecidas e bem tipadas no cinema do tempo. Lionel Atwill desenvolve mais uma figura de “génio louco” de que nunca se libertará (mas está longe da “impressão” que provoca Vincent Price na segunda versão), Fay Wray, num papel secundário é, de novo, a vítima propiciatória do “monstro”, num destino que a levou dos pântanos de Zaroff aos braços de King Kong. Farrell e McHugh são, de certo modo, os “intrusos” no género de terror e o artifício e caricatura das personagens não ajuda nem os actores nem o filme. Destaque-se ainda uma curiosidade: devido à alta voltagem dos projectores necessários para as filmagens a cores e o calor excessivo que derretia a cera das figuras, estas foram “representadas” por actores de carne e osso. Assim temos no papel de Joan Gale/Joana d’Arc, uma hoje desconhecida Monica Bannister. Curtiz utilizará dois anos depois também um corpo real e vivo para um cadáver mostrado na morgue no filme **The Case of the Curious Bride**. Só que dessa vez o “cadáver” teve mais sorte. No mesmo ano seria o **Captain Blood** de Curtiz: Errol Flynn. Nada de novo, portanto, no que aconteceu a Kevin Costner, o Alex enterrado no genérico de **The Big Chill/Os Amigos de Alex**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico